

FILOSOFIA E LIBERTAÇÃO (Questão disputada)*

Paulo Menezes

*Conhecereis a Verdade e
a Verdade vos libertará.
(Evangelho de João)*

1. INTRODUÇÃO (Videtur quod sic)

Esta frase bíblica, — que será ouvida tantas vezes este ano, pois foi escolhida como 'slogan' da Campanha da Fraternidade 1982, — revela uma profunda confiança na inteligência: por ela, o homem pode conhecer a Verdade que lhe traz a libertação. Glosando um pouco do texto, ele oferece a melhor introdução ao nosso tema. Se é a Verdade que liberta, então a Filosofia, — definida etimologicamente como 'amor da Sabedoria', deliciosa posse da Verdade, — recebe por isso mesmo o estatuto de libertadora.

A Verdade liberta: quer dizer, o erro, o engano, a ilusão, a consciência falsa, mantêm o homem escravo e oprimido. Por que a opressão

* III Semana de Filosofia
UNICAP —
Recife — novembro de 1981

nunca é completa e duravelmente eficaz enquanto não tiver contagiado a inteligência: enquanto o oprimido não tiver introjetado a opressão; enquanto ela não se tiver 'legitimado' na consciência dos homens.

Dizia Bismarck "Tudo se pode fazer com as baionetas, menos sentar-se em cima delas". As tiranias, as ditaduras, procuram por isso, descançar num colhão de espumas ideológico: tratam de elaborar por seus intelectuais orgânicos, todo um elenco de justificações que as legitimem.

Por outro lado, a liberdade começa a raiair quando o consenso se rompe, a legitimidade se esvai, e as pessoas não conseguem mais acreditar nos 'mitos fundadores' da opressão. Dissipada a consciência falsa, se desvela a realidade verdadeira ou a verdade real; e está posto em marcha um processo irreversível de libertação.

Todos os amplos movimentos de libertação que assistimos em nosso tempo: a descolonização da Ásia e da África; a luta contra a discriminação racial; o movimento da libertação da mulher; e agora a organização e a luta dos índios, assim se fizeram; têm na base uma tomada de consciência, ou melhor, uma conscientização, condição necessária, embora não suficiente, de qualquer praxis libertadora.

Sem ir às raízes da situação, sem uma consciência crítica do processo, poderão ser tentadas práticas que visem a libertação; mas se conhecem bem os descaminhos de gestos inconsistentes de revolta que com freqüência reforçam a dominação que pretendiam abalar; práticas que objetivamente coincidem com a dos agentes provocadores, porque a eficácia da ação humana não está nas boas intenções internas, mas na lucidez e coerência de uma praxis.

2. *SED CONTRA EST QUOD...*

Porém, será mesmo verdade essa afinidade da Filosofia com a Libertação? A mentalidade positivista costuma ver na Filosofia um emaranhado de abstrações desvinculadas do real; uma fuga da realidade para um refúgio em 'torre de marfim', e não uma força atuante nas transformações da história. O próprio Marx, que era tão filósofo, disse (na XI tese sobre Feuerbach): "Os filósofos não fizeram senão interpretar o mundo de diversas maneiras; importa agora transformá-lo."

Certamente, no ardor da polêmica, Marx estende para os filósofos, em geral, o que era próprio talvez dos filósofos como Feuerbach, que queriam reconciliar as contradições e conflitos da realidade humana refugiando-se no plano do puro pensamento; e julgavam que a solução teórica de um conflito supria sua solução real. Isso é o que Marx chamava de 'alienação filosófica': esse passe de mágica que ao transferir os problemas do mundo real à representação mental julgava-os resolvidos num puro jogo de idéias. O risco da 'alienação filosófica' ronda sempre a filosofia, como o da 'alienação religiosa' ameaça sempre a religião. Esta pode facilmente transformar-se num ópio do povo, em lugar de despertar-lhe as forças mais profundas em busca de um ideal de justiça e de fraternidade entre os homens. A alienação filosófica é também uma evasão, se não para o paraíso da outra vida, pelo menos para o mundo das idéias, para a tranqüila esfera dos conceitos, fora das vicissitudes irracionais e mesquinhas da vida cotidiana, sujeita às contingências humanas e às paixões políticas; aos interesses econômicos e às violências guerreiras. Que contraste com o mundo das idéias, onde a razão impera soberana, onde o espírito se move por si mesmo, e em si mesmo é problema e solução?

Porém essa solução 'econômica' ou essa 'miséria da filosofia' que queria escapar da 'filosofia da miséria' nem se encontra nos grandes filósofos, nem é característica da filosofia. Não se encontra nos grandes filósofos: os Sofistas abalaram profundamente o universo cultural da Hélade, e contribuíram decisivamente para desagregar a sociedade tradicional corroendo os seus valores fundamentais. Sócrates, por sua vez, queria fazer os seus concidadãos pensarem, não para que deixassem o mundo da 'polis' pelo mundo das idéias, mas justamente para que fundamentassem a ordem pública não em tradições sem validade, mas sim em valores estabelecidos pela Razão. Foi condenado a beber cicuta como subversivo, pois sua pregação filosófica atentava contra o equivalente da 'Lei de segurança nacional' da Polis de Atenas... E seu grande discípulo Platão, esse argonauta incorrigível do mundo das idéias, que veloz como de ouro ia ele buscar nesse mundo distante? O modelo da sociedade justa, para libertar seus irmãos da caverna das sombras e das ilusões. A obsessão de Platão era a Política, — não conseguindo convencer seus conterrâneos foi tentar estabelecer a cidade justa em Siracusa, e diz a tradição que foi vendido como escravo pelo tirano Dionísio... Porém, mais perto de Marx, no século que o precedeu, 'filósofos' eram os reformadores sociais que criaram o clima para a Revolução francesa e a era napoleônica — estes tremendos cataclismos sociais que ainda abalavam por suas repercussões a Alemanha em que Marx nasceu, — Rousseau, Diderot, D'Alembert, Montesquieu, e

os Ingleses Locke, Hume, podem ser objeto de muitas críticas menos essa de se terem limitado a interpretar o mundo, pois justamente queriam influenciar nele, — e o mundo liberal, burguês, que ajudaram a criar, lhes deve muito, para o bem e para o mal. Ainda perto de Marx, para citar apenas Kant e Hegel, — o projeto da 'Paz perpétua' entre as nações é uma contribuição do velho Kant para transformar o mundo; e a Filosofia do Direito e do Estado de Hegel tem uma finalidade expressamente transformadora; e a repressão atingiu penosamente o grande Mestre, precisamente por não se contentar em interpretar o mundo, mas por nele querer ampliar os espaços da liberdade.

— Claro que nem todos os filósofos influem na história inspirando a mudança e o progresso; muitos apresentam um pensamento conservador, e até mesmo reacionário; querendo defender os valores mais altos que encontram desfigurados em sua época, preconizam uma utópica volta ao passado. Em todo caso, não fazem apenas interpretar o mundo: tentando freá-lo ou retroceder, visam atuar na realidade dos acontecimentos. Uma ilusão de perenidade, que transferem da universalidade dos conceitos e das formas lógicas para os conteúdos históricos, é responsável por esta atitude, felizmente condenada à ineficácia desde sua raiz. Porque uma coisa é o pensamento que abre caminho e antecipa o roteiro por onde a humanidade vai passar na sua história; outra o elogio da inércia ou a saudade do passado. Uma coisa é o testemunho profético dos tempos que hão de vir; outra coisa as lamentações pelo tempo que passou, o sonho de querer estabilizar o momento presente em eternidade. Uma coisa é a criação e a libertação; outra a esterilidade e a submissão aos eventos e às estruturas de dominação.

— Por que esta diferença? Porque é equívoco pensar que 'os pensamentos é que movem o mundo' como se a causalidade principal transformadora das estruturas e determinante da história fossem as idéias; ou que as idéias, transcendentais e isoladas da história global, nela interferissem dando-lhe o impulso e a direção que quisessem. Não, as idéias também brotam de um solo histórico, são também arrastadas pelo fluxo donde procedem, e que exprimem numa linguagem simbólica. As idéias que entram em ressonância com esta realidade profunda, são capazes de nela interferir, ampliando-a, aprofundando ou acelerando seu movimento; produz-se um 'feed-back' entre o pensamento que exprime o real, e o real que nele se reconhece. Ao contrário, o pensamento que se move em direção oposta à do fluxo da história, é como essas 'espumas flutuantes' que o vento pode num certo momento levar em sentido contrário ao da correnteza: mas logo se

dissipam, e sobretudo, não conseguem jamais inverter a direção da corrente. Na certa, freiarão um pouco; não tanto por seu efeito na flor das águas, mas por serem sintomas de forças profundas que representam, em contradição com as forças do progresso. Por si mesmas, de tão alienadas e perdidas, não passam de um fogo fátuo ou epifenômeno.

3. RESPONDEO DICENDUM... (Corpus)

A tese que defendemos nesta 'Quaestio disputata' é que a Filosofia pode (e deve) ser libertadora, contanto que não se ocupe apenas em interpretar o mundo, mas que se incarne numa 'praxis' libertadora. Uma filosofia que promova a libertação se caracteriza por quatro traços fundamentais:

- 1º — Uma filosofia que parta de uma realidade, que brote das profundezas da vida social de um povo;
- 2º — uma filosofia que seja uma *reflexão*, poderosa implacável, ou como se dizia da anistia, 'ampla, geral e irrestrita';...
- 3º — uma filosofia que seja crítica;
- 4º — uma filosofia que seja posta ao alcance e a serviço de um povo, e que manifeste sua verdade na fecundidade de uma praxis.

Vejamos mais de perto:

I — Filosofia partindo de uma realidade

Marx escrevia num artigo para a Gazeta de Colônia: (Trechos, pg. 40)

"Os filósofos não nascem na terra, como cogumelos: — são frutos de sua época, de seu povo, cujas energias mais sutis, mais preciosas e menos visíveis se exprimem nas idéias filosóficas. É o mesmo espírito que constrói os sistemas filosóficos nos cérebros dos filósofos, e o que constrói as estradas de ferro com as mãos dos operários. A filosofia não é exterior ao mundo.

Já que toda a filosofia é a quintessência espiritual de uma época, tempo virá em que a filosofia terá um contato, uma relação recíproca com o mundo real do seu tempo; — não apenas interiormente, por seu conteúdo, mas também exteriormente por suas manifestações. A filosofia deixará, então, de estar em oposição de sistema para sistema, para tornar-se a filosofia em frente ao mundo, a filosofia do mundo presente..."

Nestes trechos o jovem Marx se revela um discípulo fiel do Mestre

Hegel, como constatamos ao compará-lo com as palavras de Hegel na sua Introdução à História da Filosofia:

“Os homens não criam a filosofia ao acaso: é sempre uma determinada filosofia que surge no meio de um povo, e a determinação do ponto de vista do pensamento é a mesma que se apodera de todas as outras manifestações históricas deste povo: e em íntima relação com elas... Assim, a forma particular de uma filosofia é sincrônica com uma constituição particular do povo onde aparece, com suas instituições, formas de governo, moralidade, vida social, atitudes, hábitos e preferências; com suas pesquisas e produção científica; com sua religião, e êxitos militares: com todas as circunstâncias externas, — como também com a decadência dos Estados em que este princípio impusera sua supremacia, e com a formação e o progresso de novos estados nos quais surge e se desenvolve um princípio mais alto. Este rico espírito de um povo é um organismo; ou melhor, uma catedral, composta de numerosas abóbadas, naves, colunadas e vestíbulos, mas sempre manifestação de um todo, de uma unidade, cujas partes se coadunam a um fim. A filosofia é uma forma desses múltiplos aspectos. É a flor excelsa, o conceito do espírito em sua totalidade, o espírito do tempo como espírito presente que se pensa a si mesmo.” (Intr. à Hist. Fil., pg. 101/102).

Como vimos, os dois pensadores concordam na afirmação de que a filosofia tem de partir da realidade social, tomada na totalidade de seus aspectos: na sua dimensão histórica; na sua organização social; no conteúdo específico de suas manifestações culturais. É um vasto programa, como ponto de partida. Outros preferem partir do “Cogito ergo sum”, ou das angústias existenciais... Porém o espírito, para Hegel, era o homem social e histórico; e o real para Marx era o mundo das relações homem-natureza; homem-homem, no processo histórico da produção da vida material, e do próprio homem concreto. “Ontologia do ser social” dirá Lukacs: sua indagação sobre o ser se faz desse lugar: da história, da realidade sócio-cultural do filósofo.

Quanto mais imergir na multiplicidade e na profundidade da realidade do seu povo, mais possibilidade terá a Filosofia de ser autêntica. Onde se pode ver que o colonialismo cultural não tem nenhuma chance de produzir filosofia — apenas repetições, alienadas da realidade do nosso povo, que não têm nada que ver com um discurso filosófico autêntico. Será preciso entender a nossa história: não a crônica dos vencedores e o autoelogio das elites e oligarquias, mas a história do povo, como Capistrano de Abreu e seu discípulo José Honório Rodri-

gues preconizaram e começaram a escrever. O processo violento e sofrido da formação de nossa nacionalidade; as aspirações nacionais e suas frustrações, porque a luta de nossa gente por sua libertação esbarrava no colonialismo externo e interno, deixando como herança, para a nossa época, estruturas de dependência, subdesenvolvimento e distorções que esmagam ainda hoje o povo brasileiro. É necessário que o filósofo se aprofunde no conhecimento de nossa sociedade de classes, no problema da marginalidade, da subnutrição, da concentração de rendas, no binômio de opulência e miséria que caracteriza o 'desenvolvimento perverso' do atual modelo brasileiro; e compreenda o que se passa com a aspiração democrática de nossa gente, frustrada por tantos anos de ditadura e autoritarismo.

É indispensável que o filósofo se compenetre das riquezas de nossa cultura; dos valores artísticos e humanos que se encontram no povo brasileiro; a começar pelo conhecimento das culturas de nossos índios, sociedades alternativas de valores tão humanos que inspiram uma saída para os impasses de nossas civilizações poluentes e tecnocráticas.

A cultura 'negra' também deve ser objeto de uma recuperação cuidadosa: seus valores, costumes, ritos e técnicas marcaram tão profundamente o povo brasileiro, e foram tanto tempo desprezados e subestimados por nossas elites voltadas exclusivamente para o europeu. Enfim, a cultura sertaneja e nordestina, tesouro onde os pesquisadores de música popular vêm pilhar incansáveis, mal tem inspirado a reflexão de nossos pensadores, exceto de homens de letras como Guimarães Rosa e Ariano Suassuna.

Além disso, uma filosofia que se baseia na realidade tem de satisfazer a duas exigências:

a) ser uma filosofia *a partir de estruturas*; e uma filosofia pública.

Só assim poderá evitar os escolhos do subjetivismo e do individualismo.

Sabemos hoje que a realidade social não se esgota em relações intersubjetivas e conscientes: como no caso dos idiomas, o código (que é sua realidade profunda e estruturante) a articula a partir do inconsciente.

As instâncias do social, do econômico e do político são organizadas e dotadas de significação, a partir de uma sintaxe inconsciente que as

articula. O filósofo tem de ser radical; isto é, tem de buscar as coisas pelas raízes, não somente históricas, como vimos acima, mas também estruturais da realidade.

Para tanto, são indispensáveis as ciências sociais e humanas; embora de constituição recente, são elas que permitem hoje uma visão desta profundidade dos universos sociais e culturais que os antigos não suspeitavam. Olhavam-nos como aqueles velhos geógrafos que viam a Terra em forma de disco, ignorando a dimensão da profundidade. Agora sabemos, depois de Marx, que sob as superfícies da mercadoria e da moeda o que circula é a seiva da mais-valia; ou por outra, é o 'magma' do mundo do trabalho, que não é uma mercadoria como as outras, mas a substância incandescente de vida que ao cristalizar-se na superfície do produto gera o valor. E depois de Freud, sabemos que a vida consciente não passa de uma fímbria iluminada sob a qual se agita o 'mare magnum' do inconsciente, que flui dos recônditos da infância, e que se organiza também como uma linguagem, com sua sintaxe e sua retórica, deslocamentos e condensações, metonímias e metáforas...

Depois de Saussure entendemos, pela primeira vez, como se articula o signo linguístico para ser realmente significante: (a língua e a palavra; a sincronia e a diacronia; o código e o léxico conforme ele sistematizou); hoje se encontra ser a linguística uma ciência rigorosa e fecunda entre todas as ciências do homem. E nos caminhos desvendados por Mauss, Claude Lévi-Strauss desenvolve uma teoria geral das sociedades humanas que se apresenta como uma semiologia ou semiótica em muitos níveis, que vão do parentesco à circulação de bens e daí aos universos discursivos; todos com seu léxico e seus códigos, estruturados desde o inconsciente, com o rigor de uma linguagem, para possibilitar a comunicação em que consiste a vida em sociedade.

A partir dessas descobertas, o filósofo hoje está em bem melhor situação para compreender o homem social e histórico que seus antecessores, da mesma forma que a Filosofia da Natureza, depois de Galileu, Newton e sobretudo de Einstein, tem uma perspectiva incomparavelmente superior aos pressupostos da cosmologia antiga que eram as falsas evidências do sentido comum; ou dos sentidos apenas... A arqueologia do saber de Foucault, as reflexões de Deleuze para além de Nietzsche e Freud; a Escola de Frankfurt, com Adorno, Benjamim, Marcuse, Habermas, mostram a fecundidade desta visão renovada que assimila as conquistas das ciências sociais e humanas como plataforma de lançamento da reflexão filosófica.

— Dizíamos também que a Filosofia deve ser 'pública'. Com esse vocabulário (um tanto insólito) o que queremos acentuar é a vocação social e política da Filosofia, que era presocrática antes de ser a dos grandes socráticos; que está presente na 'Cidade de Deus' de Agostinho e na 'Suma Contra Gentes' de Tomás de Aquino; em Hobbes, Locke; em Hegel e Marx e entre tantos outros. Característica dessa visão 'pública' da Filosofia era a concepção aristotélica (tão profundamente helênica, e mesmo tão constitutiva da 'cidade antiga'). Na Política, I, 1, diz Aristóteles que o homem, dotado de linguagem e capaz de conhecer e de comunicar as noções universais, só realizava sua essência na sociedade política, que era o espaço de comunicação e de vivência comum da Verdade, da Justiça. (Ver Vaz, REB, março 77, pg. 17). Essa tradição reponha em Hegel, para quem o 'Espírito' era o homem social e histórico; e que tem na sua 'Filosofia do Direito e do Estado' um dos pontos altos de seu genial sistema filosófico.

Então, uma filosofia que tenha que ver com a libertação deve poder mergulhar nessas estruturas, pois a dominação e a opressão se fazem também é precisamente por imposições estruturais; não é a boa vontade nem a boa intenção dos suportes das estruturas (os indivíduos) que podem modificá-las, mas sim um trabalho tenaz, estrategicamente esclarecido sobre as próprias estruturas.

II — Uma Filosofia que seja uma reflexão, 'ampla, geral e irrestrita'

Quando dizíamos que a Filosofia se devia fazer *a partir* da realidade, ou das estruturas, ou mesmo das ciências humanas, já dávamos como entendido que não podia ficar imersa nelas; um ponto de partida é justamente o lugar *donde* se sai.

A Filosofia nunca é imediata; é sempre um retorno, uma viagem de regresso: precisa forçosamente de separar-se, desprender-se, do cortar as amarras dos envoltórios óbvios, para alçar seu vôo livre dos conceitos. Esta é a condição para que seja libertadora. O ponto de chegada vem a coincidir com o ponto de partida; assim é em todo e qualquer retorno. Só que o movimento da reflexão, no que sai e no que volta, se enriqueceu na impossibilidade de seu vôo livre orbital; lá em cima, assumiu o ponto de vista da totalidade, viu a globalidade da esfera, descobriu — por exemplo — que a terra era azul, encontrou as coordenadas de universalidade do grão de areia em que antes naufragava seu horizonte.

Esta é a exigência estruturante da consciência, segundo Hegel: "Pre-

cisa do outro, da diferença, e mesmo da extensão integral do mundo sensível para realizar o retorno sobre si, e absorvê-lo na sua identidade" (Ver a figura Consciência-de-si, na *Fenomenologia do Espírito*). Quanto mais ampla for a realidade donde partiu a reflexão filosófica, maior será o seu alcance; como um corredor que toma distância para saltar mais longe. Tanto a imersão na realidade histórica deve ser completa, numa identificação com todos os aspectos e níveis que a constituem, como a assimilação das teorias e dos saberes que se destinam a explicá-la deve ser a mais ampla que o espírito consiga realizar. Isso para que no segundo momento, quando o espírito se concentra sobre si mesmo, possa trazer um máximo de determinações, e delas todas se libertar; — suprassumindo-as no plano superior do pensamento crítico, auferindo-as sem nenhuma restrição, pelos valores da racionalidade, da equidade, da justiça, da comunicabilidade.

A razão opera sob o signo da universalidade; desde que se despreendeu dos saberes tradicionais que se moldavam em *mitos*, e daí passou ao *logos*, o homem se apoderou de uma força decisiva para transformar a si mesmo e a sociedade. Porque encontrou em si mesmo um padrão, uma 'unidade de medida' e com ela o meio de recriar a cultura sobre novas bases, — ele que por outro lado é "cria" de sua própria cultura, — pôde cada vez mais ser também seu 'criador'!... (Ver H. Vaz, *Cultura e Universidade*, 1.3: Saber e Razão, pg. 11 ss; Vozes, s.d.).

III — UMA FILOSOFIA QUE SEJA CRÍTICA

Por isso mesmo, a Filosofia tem uma função crítica. Por ser auto-reflexão, — diz Habermas, opera um desmascaramento dos poderes opressores, cuja objetividade deriva unicamente do fato de ainda não terem sido descobertos como tais. (Ver Herrero, *Síntese*, 15 pg. 13). Sua crítica abrange não somente a realidade mas também os saberes, que pretendem dar conta dela. Quando surgiu na Grécia, teve de lidar com o saber mítico, e superá-lo, mostrando que o tradicional e o verossímil simbólico não eram o racional. Hoje tem que lidar com a racionalidade técnica e instrumental que as ciências positivas adotam, fazendo valer a racionalidade ética e comunicativa, plenamente humana. A crítica se faz tanto mais necessária quanto essas racionalidades técnicas são aliadas e instrumentos dos poderes opressores que reprimem o homem em nossas sociedades tecnocráticas.

E ao mesmo tempo que de dentro das ciências crítica a racionalidade técnica parcial e mutilada, tem de levar o combate contra a ressurgência do antigo irracional mitológico sob a forma de ideologias: raciona-

lizações de interesses, de alta densidade emotiva e a serviço de poderes que legitimam, as ideologias querem instrumentalizar a razão desrespeitando sua soberania e universalidade; querem substituir a verdade pela certeza aparente de uma falsa consciência a qual, ao enganar-se a si mesma, toma os erros por evidências, e os absurdos por verdades de senso comum...

A filosofia crítica essa razão técnica e todas as ideologias que justificam os poderes repressivos comparando-os com a realidade humana, tal como se encontra constituída na relação homem/natureza e homem/homem, na sua ânsia de 'bem-viver' que é uma ânsia de emancipação, de libertação. Desde Hegel o homem foi definido como 'liberdade radical' identificada com a própria consciência humana por este seu estranho poder de reflexão que toma por objeto e abarca todo o universo que a envolve; e situando sua situação, relativizando e dialetizando todas as determinações, a si mesma se abrange e em si mesma se sustém. Agora Habermas define o 'interesse do conhecimento' como interesse emancipativo, ou libertador, e faz dele o critério para toda e qualquer crítica das ideologias e das repressões multiformes.

— Pertence a esta função crítica da filosofia a necessidade que tem de criar valores. Como julgar sem avaliar, sem valorar? E já que os juízos axiológicos escapam às ciências positivas (que se ocupam do que é e não do que deve-ser) pertencem eles de pleno direito à filosofia. Pertencem-lhe pois a descoberta e a promulgação dos DIREITOS HUMANOS. (Tão atuais em nossos dias em que a repressão cresce ao mesmo ritmo que a ânsia de liberdade). Portanto, entre a filosofia e a libertação não existe apenas um laço extrínseco — (enquanto o filósofo como pessoa humana teria a obrigação ética de agir em favor da libertação...) — não, o laço é intrínseco, como mais uma vez se mostra no caso dos Direitos Humanos. Quem estabelece um Direito Humano, faz filosofia, necessariamente, seja jurista, político, filantropo, religioso. Compete à Filosofia aprofundá-los e sistematizá-los: bela tarefa e digna de jovens idealistas como os que me ouvem. Acontece porém que Direitos Humanos são como as estrelas: quanto mais se estuda o céu mais estrelas se descobrem. Primeiro foram os Direitos *políticos*, que representam um enorme progresso, e uma libertação memorável de opressões antigas como as civilizações. Exigir um Estado de Direito, proclamar a soberania do povo, o princípio republicano e o regime democrático são conquistas vitais da humanidade; e que nós, em nossa terra brasileira, estamos longe de gozar em plenitude... Depois, foi a vez dos direitos *econômicos* e *sociais*. Direito à comida, ao trabalho, à saúde e à Educação: para nosso povo ainda

parece uma miragem, ainda que já estejam nas constituições desde 1934... Estes Direitos se diferenciam dos direitos liberais ou políticos, que apenas exigiam que o Estado não impedisse o exercício de uma capacidade que o cidadão tinha recebido da natureza; enquanto estes direitos econômicos e sociais são créditos que o homem tem sobre a sociedade, que está obrigada a criar condições mínimas para todos os seus membros. Enfim, em nossos dias, *nova série de Direitos* se estabeleceram por ocasião de novas aspirações que vieram à tona, ou de novas formas de repressão que surgiram: Direito à intimidade, à Privacidade, ao Lazer; a viver livre da Poluição; Direitos das mulheres; das crianças, dos Deficientes físicos; das minorias étnicas, sexuais, religiosas, etc. Direitos dos prisioneiros; e, por extensão, Direitos dos animais; Direitos da Vida...

— É um campo imenso que se abre à pesquisa dos filósofos, inseparável da função crítica da Filosofia, porque estes Direitos não foram nunca deduzidos a priori, mas cada vez que surgiram na consciência do povo representavam bandeiras contra alguma forma de opressão/repressão que se tornara intolerável. Cabe à filosofia fundamentá-los e desenvolvê-los, e assim fazer que se incorporem como evidências à consciência pública de nossa época a ponto de sua violação parecer aberração e monstruosidade, como o "apartheid" da África do Sul.

IV — UMA FILOSOFIA INCARNADA NUMA PRAXIS

Entre a verdade e a vida, a distinção é apenas conceitual: o pensamento abstrai dois momentos de uma totalidade concreta, que existe sob a forma de uma unidade. Esta unidade é a da *praxis*: um conhecimento que é vivido, uma vivência que é lúcida, transparente.

Um processo de libertação é uma *praxis* dessas. A dinâmica deste processo é uma dialética: as etapas que percorre são proposições por onde discorre, indo de umas para as outras, já que seu discurso é um percurso, suas proposições são propostas; suas conclusões, resultados. Os obstáculos são contradições que a ação superando refuta, e dissolvendo recolhe num plano superior de luta e de possível reconciliação. A repressão, a opressão, fornecem o quadro da problemática e o estímulo para a conquista da liberdade: pois a lei da ação e da reação vigora também no campo do social. Por uma dessas astúcias da Razão, os absurdos da tirania se revelam com freqüência mais eficazes para a conscientização libertadora que a pregação dos profetas libertários. A opressão cavernária que se abateu sobre este país na ditadura do Gal. Médiç, na certa contribuiu de forma poderosa para o

despertar da consciência democrática que conseguiu a anistia, a abertura em curso e outras conquistas que esperamos para breve.

O que o filósofo tem de fazer é participar. Onde houver luta de seu povo por seus direitos fundamentais; onde os direitos humanos reconhecidos como conquistas universais de nossa época ainda não estiverem sequer proclamados; enfim, onde estiver em causa a justiça, aí deve estar o filósofo. Por que? Porque a verdade não existe em estado puro, como não se encontram diamantes lapidados, nem ouro refinado; o filósofo não é como aranha que tira de seu ventre a teia onde reside.

O garimpeiro da verdade vai encontrá-la incorporada no mesmo minério onde ocorre também a justiça, formando uma liga com ela, em 'estado natural'. E na luta pela *justiça*, a verdade vai se revelando, e cintilando em toda a sua pureza; como vimos que sucedeu com os direitos humanos, cuja consciência e sistematização se forjam na luta por sua conquista, e continuam a ser descobertos à medida que a luta se amplia. Se o filósofo quer aprofundá-los, pois então que participe na luta; apresse seu alistamento, pois há muitas trincheiras em aberto, em nosso continente de veias abertas: a América Latina.

— Mas há outras minas do diamante/verdade: o que o filósofo tem de fazer é de engajar-se numa praxis que o ponha a caminho deste filão, e deste tesouro. Onde houver cultura em estado nascente, aí há ocorrência da verdade. Então que o filósofo se debruce sobre as manifestações culturais de seu povo; que participe, inserido em seu meio, na multiforme criação de cultura do povo brasileiro. Isso o ajudará mais a filosofar que muitas eruditas bibliotecas estrangeiras que consumir. Pois o pensamento, o LOGOS, tem duas formas de se realizar: desde os estoicos sabemos que há o 'logos endiáthetos', o 'verbum insistum' como traduzia Agostinho; e o 'Logos proforikós' (verbum prolatum): há um pensamento imanente e estruturante de uma cultura, e sua explicitação reflexiva, sistemática. Ao filósofo, explicitar as categorias, as intuições, os valores que são vividos na prática cultural de nossa gente; mas para isso tem de vivenciá-la tomar parte, senão será como o turista para quem tudo é folclore...

— A verdade ocorre também onde há beleza. Toda a criação artística, (plástica e literária) de nossa América Latina diz tanto de nossa gente, de seus anseios de libertação, dos caminhos de seu espírito e de sua sensibilidade, dos valores que cria, do sentido que atribui ao mundo e à existência. Ao filósofo, seguir com avidez todo esse sofrido

esforço criador, para ali surpreender a revelação do ser latino-americano, para dali elaborar os conceitos e categorias que esclareçam a luta por nossa identidade e por nossa libertação.

— Outro filão riquíssimo, em que existe alta ocorrência da verdade: a vida, o movimento, a criatividade. Onde quer que a vida se manifeste, e tudo que se move, ou se gera, ou se cria sob nossos olhos, nos movimentos que agitam as profundezas da vida de nossa gente, — aí a verdade se encontra, e vem à tona, na força de seu dinamismo iluminador. Mas para surpreendê-la, o filósofo há de ser presente e participante; não se alienar das correntes vivas que agitam o mundo em nossos dias e ali detectar 'os sinais dos tempos', as descobertas que as práticas culturais vivenciam, — formular-lhes o sentido, a assumí-las numa praxis lúcida e coerente. Nestes movimentos, que irrompem, há de tudo; pulsões irracionais, interesses de grupos, agressividades mais ou menos sublimadas, distorções e despistamentos inevitáveis. Mas é só *de dentro*, que podem ser avaliados e depurados; não é uma 'ortodoxia' extrínseca que lhes dará o rumo, mas uma 'orto-praxis' — a luta lado a lado, detectando-lhes o sentido e devolvendo-lhes em conceitos e em discurso coerente as intuições, que pode contribuir para a causa do homem e para a marcha da história.

CONCLUSÃO

Eis aí o papel do filósofo: papel modesto e brilhante, ao mesmo tempo. Não é ele o protagonista. É um figurante, mas no meio das forças que movimentam a história, é uma presença indispensável, por ser o momento da reflexão e da lucidez, da clarificação e da crítica, porque é a palavra ou 'logos' que expressa as vivências em conceitos, permitindo seu manejo consciente e sua propagação. Por ser o figurante que leva a bússola, e que o capitão do navio, o piloto, devem consultar para acertar o rumo. Não foi o filósofo que criou o polo magnético, nem gerou o dinamismo que permite alcançá-lo. Porém é ele que o torna visível e patente, e assim fazendo, possibilita uma navegação sem desvios, ou melhor, uma retomada de rumo certo cada vez que as correntezas e as ventanias desviam a rota.